

# RECOPILADOR LIBERAL.

*A vil ambição do mando presta auxilio à tyrannia, se deixa escravizar para dominar, entrega os Povos para participar dos seus despojos, e renuncia a honra para obter dignidades e titulos.*

(RAYNAL.)

PORTO ALEGRE-1835: NA-TYPOGRAPHIA DE V. F. DE ANBRADE. RUA DA PONTE.

*SUBSCREVE-SE para esta Folha nas Casas dos CIDADÃOS BRASILEIROS NATOS E LIVRES Matheus Gomes Vianna, na Villa de S. Francisco de Paula; Joaquim José de Santa Anna, na do Rio Pardo; José Ribeiro de Almeida, na de Alegrete; Noé Antonio Ramos, na da Cachoeira; José Pinheiro de Ulhôa Cintra, na de Cassapava; e nesta Typographia á 500 reis por Semestre, pagos adiantados: uma Folha que sahirá ás Quartas e aos Sabbados, não sendo Dia Santo de Guarda.*

## INTERIOR.

Não são unicas as propriedades territoriaes e moveis; a industria é tambem uma propriedade, ou a consideremos na intelligencia de quem a produz e dirige, ou a consideremos nos braços d'aquelle que a exerce. As descobertas, os aperfeiçoamentos, em uma palavra, as obras da intelligencia formão, se assim o posso dizer, uma propriedade mais intima do que as outras. As terras que herdei de meus paes existirão ainda que eu não nascera; se porem invento nova industria, ella é uma propriedade que eu crio. Deverei porem possuil-a sempre? Justo é que eu colha fructo de meus trabalhos; mas o dominio da intelligencia pertence a todos, e eu não posso fechal-o a ninguem. Deve portanto a Auctoridade equilibrar dous interesses, e não despojar nem o inventor, nem os que podem inventar.

Os braços do jornaleiro são sua unica propriedade; não ha outra que tenha um character mais sagrado, visto que sua vida depende della. Todas as restricções ao livre exercicio da industria, quando não são exigidas pela segurança publica, são verdadeiros attentados contra uma especie de propriedade que muito se deve respeitar, se se attender á justiça, ao interesse dos particulares e da Sociedade. As corporações d'Officios nestes pontos de vista devem portanto ser repellidas por todo aquelle que tiver noções de Economia Política. Estas invenções de fiscalidade

aproveitão a alguns individuos, constrangem a quase todos os que produzem e carregão sobre os que consomem. Muito tempo ouvi eu dizer que as corporações d'Officios e seu dispendioso trem são necessarias para formêr habéis Artistas: os progressos da industria Franceza, ha trinta annos, tem refutado, penso esta asserção. Parã formar obreiros o necessario são escolas de lêr, escrever, e desenho; e ao depois liberdade de tirar cada um de sua industria o partido que lhe for possível; e a final paz e segurança que disponhão a gente rica a gastar o seu dinheiro. Estabelecendo corporações faz-se pouco bem, e muito mal: por um individuo cuja ruína se tólhe, ha dez a quem se priva dos meios de ganhar a vida; por algumas fraudes, que se previnem, auctorisa-se aquelle roubo universal que anda inherente á falta de concurrencia. Os golpes descarregados na liberdade d'industria, são talvez o que há de mais fatal á felicidade das familias e prosperidade dos Estados; cada golpe destes abre uma fonte de miseria e depravação.

Em toda a parte onde os interesses de consciencia, pessoa e propriedade forem respeitados, o homem será livre, sejam quaes forem as imperfeições que se encontrem na forma do governo. Se aquelles interesses pelo contrario forem despresados e crusados, haverá no Estado tyrannia, escravidão, sejam quaes forem os nomes populares com que se mascare a auctoridade.

Religião, instrucção, e liberdade, taes quaes as tenho considerado, offerecem verdadeiros meios de melhorar a sorte dos homens. E' por estes beneficios do Céu que se pôde vulgarisar a Moral e a industria; adiantar, em uma palavra, a civilisação.

Um dos mais tristes effeitos do mal é que muitas vezes se não possa sem perigo faze-lo cessar de repente. A mais deploravel prova de nossa fraquesa, é que o bem effectuado repentinamente quase sempre se troca em mal. Se pois as diferentes especies de liberdade a que acabamos de attender, não existirem em qualquer Estado, lentas precão serão necessarias para chegar a estabelecê-las sem commoções; porem um dever para todo aquelle que tem intelligencia,

BIBLIOTECA  
— DE —  
GABRIEL PEREIRA BORGES FORTES

BIBLIOTECA  
— DE —  
GABRIEL PEREIRA BORGES FORTES

o expressar com prudentes meios que delle dependo, a epecha em que os habitantes do Estado tenham de gosar estas vantagens.

Enganarão-se os que procurarão as bases da civilização em theorias *a priori*, e desprezarão os meios que tenho exposto para melhorar a sorte dos homens. As questões acerca de formas de governo são secundarias; eu mostrei precedentemente qual é, para os espiritos rectos, o unico modo de chegar a discentil-as. (Droz.)

[Da Opinião Campanhense.]

## CAMPOS.

*Elegia d' tragica morte do Douctor Francisco José Alypio.*

Ergo Quintilium perpetuus sopor  
Urget! cui Pudor, et Justitæ soror  
Incorrupta Fides nudaque veritas  
Quando invenient parem?  
Multis ille bonis flebilis occidit,  
Nulli flebilior quam mihi.

HORACIO.

Dos miseros Mortaes, tão curto fio  
Dobão as Parcas, em cansada lida  
Aos Bemfeitores do Orbe!

F. ELISIO.

O Dia, havia á pouco, a luz ingrata  
Escondido aos mortaes no mar salgado,  
Deixando á fraudulenta, e cega Noite,  
Que a terra dominasse, em seu repouso:  
E nem de Cinthia, ainda os frios raios  
Despontavão lá no humido horisõte,  
Com o que impondo horrór, medo imposessem  
Ao furioso, e barbaro Homicida!!!...  
Tristes aves nocturnas, começavão  
A dar á vida pasto, giro aos bosques;  
E giro dar tambem ao Universo  
Buscavão já nocturnos Assassinos!

E' neste tempo, que o fatal Verdugo.....,  
D'Astréa irada, vingador terrivel,  
Raça infame d' Arpias sanguinarias,  
Que só do alheio sangue humano á custa  
Sustentão serij terror a torpe vida;  
Ah!... (quem sem magoa, proferir se atreve  
Da mais baixa vingança, o atroz delicto!!!)  
O medonho arcabuz, prompto desfêxa,  
Com que rapido rouba a vida chara  
A quem para perdela não fez erro!!! (+)  
Do monstro cabe por terra a fraca victima,  
Já não existe o Virtuoso ALYPIO!...  
Aquelle, que arrancou da Morte ás garras  
A bordo do Sepulchro, tantas vidas,  
Zeloso Bemfeitor da Humanidade,

(+) Verso de Camões.

Bom Pae, bom Cidadão, e bo... A... go!!!

Ouve-se a pouco espaço, os tristes...  
De languidos suspiros lacrimosos,  
Funesta exhalação d'afflictos peitos,  
Que emvão chorão do Pae, do Amigo a perda!  
Emvão! que sendo á Terra em flor cortado,  
Lugubre sino o está chamando á Terra!!!  
Retumbão tristes ais por toda a parte,  
Da afflicta Humanidade, sentimentos;  
Tudo se cobra de funéreo luto!

E só o não ch... afflicto, só o não sente  
Quem nunca maldigou soccerros seus,  
Quem nunca confececo suas Virtudes!!!  
E Tú, como podeste, amado Ingenho,  
Separar-te de nós?!... Ah! para sempre  
Filhos charos deixar, fieis Amigos!  
Deixar a tão querida, e amante Pátria,  
Trocar vida mortal por vida eterna?!...

Mas ah! d'Herões, voaste ao aposento;  
Tiveste entrada nos Elisios-Bosques, (++)  
Suave habitação d'Herões preclaros  
Onde encontrão asilo almas piedosas;  
Não sentes n'alma aspérrimos remorsos,  
Dos erros dos humanos, torpe imagem;  
Gosa feliz do d... eterno! —  
E, quando hu... Leis, vingar não saibão,  
D'horrendo Monstro... tão nefando crime...  
A vingança acharás na Eternidade!

Por P. J. d. B.

[De um avulço.]

## PORTO ALEGRE.

Agradecemos summamente ao *Correio* o conselho que nos dá em o seu N. 17: não duvidariamos de bom grado recebê-lo, se outro fôra o que nol-o dirigisse; porem como vêm da parte do *Correio*, não lho agradecemos, asseverando-lhe, que é ainda muito pequenino para arrojar á si o *quod scripsi, scripsi*.

De continuo gabando a intrepidez com que o *Correio* se apresenta á combater-nos, não podemos deixar de confessar, que cuidava-mos lhe achar vasta *litteratura*, e capacidade necessaria para com rasão se diser — *Ecce Homo*: porem nada disso se nos ponceos artigos que tem apparecido: multiplicadas taximoias assacadas á quem em tempos anteriores se dirigio baixo e vil insenso, e que, qual outro *egganarelo*, se esforçava em pôr a par das Divindades Celestes, é com que o *Correio* entretêm a paciencia de seus pios leitores. Não nos fazemos cargo de defender ao Sr. *Calvet*, porque elle daráz a com-

(++)... Do aposento de Herões, Elisios-Bosques.

F. ELISIO — EPICEDIO.

posta em proporção ao ataque; e tomamos ao *Correio*, que não lhe attribua as nossas applicadas produções; não lhe faça tanta injustiça. Tanto choramingou o *Correio*, que d'aquillo mesmo que servio para refutar-nos, em vez de ganhar a palma da victoria, nada produziu que lhe fosse favoravel: ditos vagos; contradicções nos seus argumentos: sophismas mal arrançados, e uma *maximizada* de palavras, que á força de muito trabalho apenas se percebe o que enuncia, e o que se vê no seu arancel; porem isso é bagatellas, porque o novo Mr. *Desforjes* está firme em que dizendo, que faltamos á verdade, já se segue que todos nos tenham por calumniador. Não estamos nos bellos tempos, que, quando certos charlatães affirmavão com voz de Oráculo alguma cousa, os ouvintes se submettião ao seu dito: outros tempos, outros costumes. Deixemos de tratar de nós, e entremos a investigar o que diz o *Correio*.

Já mostramos que o Exm. Presidente não tem cooperado para a organização das Guardas Nacionaes; antes parece que tem concorrido para o seu total desmantelamento: o Batalhao d'esta Cidade que no tempo do Sr. *Silvano* estava em um pé de disciplina, e á porfia todos concorrião para que elle chegasse a esse gráo de aperfeiçoamento que é mister, hoje se vê, depois da suspensão do honrado Chefe, o desgosto, e nenhuma vontade da parte dos Br. os Brasileiros em servirem com o Sr. *Vaz Pinto*. O Sr. *Porfirio* que havia sido nomeado para Coronel Chefe de Legião, foi destituído com o miseravel pretexto de haver engano da parte do Sr. Commandante Superior; e é d'est'arte que marcha a nossa Administração, fazendo, e desfazendo; no que concorrê para o seu desacredito, e faz pouco a pouco perder a diminuta confiança que ainda lhe resta; para isso não olha o *Correio*: o que quer é apregoar, que o nosso Presidente é optimo; que dá esperanças de muitas cousas; e que muito ha de ganhar a Provincia com a sua Administração; quem ha de gabar a noiva, se não o noivo.

Com dolosa maldade confundio o *Correio* o que dissemos sobre o abuso, de exprimir os pensamentos, e deo a entender, que nós approvamos ataques pessoaes, quando dos nossos raciocinios senão deprehende tal approvação, pois o que dissemos foi que tal prov. ção tinha partido da *Sentinella*, e *Annunciante*, e senão veja-se o que avia como semelhante respeito: — *A impunidade existe e verdade; e uma illimitada licença no escrever tem excedido a tudo quanto ha de torpe, e de infame; mas quem é o culpado? Não foi por ventura a Sentinella, primeira que deu tal exemplo, extractando umas quadras, que dizem ser digna produção do Chaves, as mais infames, e degradantes, contra o Patrióta honrado o Sr. Chavier Ferreira Redactor do Noti-*

*ciador? Não foi o Annunciante, esse Uirixó, e vil jornal, quem deo principio aos ataques da vida privada, ás calumnias, e outras torpezas. Como lança o Correio para os Periodicos da opposição aquillo que foi invenção de seus sicários? Envergonhe-se o Correio se é susceptivel disso, e não avance proposições falsas; censure os abusos, mas não attribua aos outros aquillo para que tem concorrido. — Porem o Correio que já tem por habito calumniar, fez-se desentendido, e attribue ao nosso Jornal, e a outros o que foi invenção sua, e do sequito que lhe bafeja o ar impuro da adulação. A nenhuma resposta das inculpações que fazemos ao Correio, e ao sycophante que por detrás da cortina vomita todas assortes de injurias contra os que lhe obstão os seus planos, assás prova que conhece o seu crime, razão porque se faz desentendido, e nada diz, contentando-se com escusas inadmissíveis, embustes, e em canonicisar a Administração do Sr. Presidente.*

E' na verdade a maior afronta que se pôde fazer aos Cidadãos Jurados, diser o *Correio* que são quase todos ignorantes, e que são arrastados por affeições pessoaes, ou por a cantillena de seu defensor. Mostramos, que nem no introductor de cobre, e nem no de notas falsas, havia probabilidade de terem sido elles os criminosos, pois foi notorio quaes as pessoas que erão tidas e havidas por agentes, e principaes cabeças d'essa infame negociação, e até para vergonha do *Correio*, e de seus comparees se acha appended ao A. um Documento, em que designa as pessoas que introduzirão a moeda papel. Sobre isto nada avança o *Correio*: calla-se por verdade, e teme que se descubraõ os principaes cabeças, os quaes é voz geral que são todos da sua tripe, e que gosão a intimidade dos novos laranjeiras. Nunca approvaremos que o Jury absolva a um criminoso, só porque tambem o outro absolveu: approvaremos sim, que quando o Jury sabia com certeza que o que vem á sua presença é innocente, o absolva. Isto foi o que fez o Jury; estava bem ao facto, quaes erão os introductores, quer da moeda de cobre, e quer da de papel, e porisso devia necessariamente absolver ao innocente. Deixemos o *Correio* entregue a si mesmo: deixemol-o inventar novas calumnias para encher o seu insipido jornal, e vamos mostrar a sua supina ignorância.

Diz o *Correio* que o Sr. *José de Paiva* é um *rabula* ignorante, e que os seus raciocinios davão direito a que assim pensasse. Bem: então para que avancasteis — “que elle pintou o seu cliente como uma victima da mais cruel perseguição, comparou-o a Jesus Christo, e Socrates, e em tom tão apaixonado, que os Jurados não podendo resistir á commiseração que causava sua voz, lhe lançarão a absolvição? — A' pouco dissesteis que erão ignorantes, e agora á affirmais, que os Jurados derão ouvidos á sua voz? Que

# O RECOPIADOR LIBERAL.

cozas não oppostas? Um homem pintado como ignorante, commovendo com o seu discurso aos Juizes, a fim de absolverem a um Cidadão que se acha convencido de ter commettido um crime. é ignorante? Responda o *Correio*, e veja como ha de sair de semelhante labyrintho. D'estas descabidas não tem o *Recopilador*!!

E' lhe applicavel o conselho que nos deo o nosso *nobre* adversario; mas nós mais generoso que elle, não lhe negamos vivacidade, não tantão como elle pensa, mas sim aquella que adquirio pela continuação de seus estudos.

O *Correio* pôde estar certo, de que quando advogamos uma má causa, de ordinario nos vemos embaraçados, quando é mister produzir razões para a defendermos: isto é o que vai succedendo ao *Correio*: a cada passo se contradiz; inserto no seu modo de encarar as coisas publicas. attaca a torto, e a direito: não respeita á aquelle a quem tantão bajulou, o qual não tem feito senão de quando em quando responder a certos sarcasmos que por veses lhe tem mimosiado o *Correio*.

## VARIEDADE.

Só á Lei devem os homens a justiça e a liberdade. Só este órgão espontaneo da vontade de todos, restabelece em direito a igualdade natural entre os homens. Esta é aquella voz celeste que dicta a cada Cidadão os preceitos da razão publica, e o ensina a obrar segundo as maximas de seu proprio juizo, e a não estar, em contradicção consigo mesmo. A lei sómente deve fazer fallar os chefes quando mandaõ; porque em o momento mesmo em que um homem pretende sujeitar a outro a sua vontade privada, prescindindo das leis, sae do estado civil, e entra em o estado puro da natureza, em o qual só a necessidade pôde prescrever a obediencia.

O abuso da lei serve ao mesmo tempo ao poderoso de arma offensiva, e de escudo contra o fraco; e o pretexto do bem publico é muitas veses o aqoute mais pernicioso do povo. A coisa mais necessaria, e talvez mais difficil em um governo, é a integridade severa em fazer justiça a todos, e especialmente proteger o desvalido contra a tyrannia do poderoso. Já existe o grande mal, quando ha pobres a defender, e ricos a contèr. De ordinario só se exerce toda a força das leis contra a classe media do povo, porque são tão importantes contra os thesouros do rico, como contra a miseria do pobre: o primeiro as illude, o segundo escapa dellas, e o primeiro a teia, o outro passa por entre ella.

(*Rosseau.*)

[*Da Gasetta da Bahia.*]

## AVISOS.

Gaspar José dos Santos Meneses, faz publico, para que chegue ao conhecimento da Administração da casa do finado Antonio Luis Gonçalves Vianna, do Rio de Janeiro, que este lhe abonou varios Creditos, os quaes se achão incluídos em uma Letra que co mesmo aceitou, ficando os Creditos nas mãos de seus respectivos donos, a pagar em Porto Alegre a Francisco Gonçalves Carneiro, pela qual foi competentemente executado, e por ordem d'essa Administração foi vendida esta execução a Francisco Ferreira dos Santos, em Abril do anno passado por rs. 4:840, dando a vista metade de seu valor, e outra igual quantia em Abril do presente anno, tendo o annunciante muito anteriormente dado por conta da dita Letra 240 rs., e com a execução de um dos Creditos deixou de fazer mais pagamento, que com a quantia da venda de divida faz a de 1:080 rs.; e como o dito Ferreira se acha por mim pago e satisfeito, faço sciente aos Srs. dos Creditos por mim pasados, e abonados pelo dito Vianna, que esta quantia não pertence ao mesmo finado por não ter pago os creditos abonados, o que terá lugar o que exceder de ditos Creditos, ou qualquer quantia que por conta tenha dado, e porisso com directo á sobredita quantia, e a devem haver, assim como havei do ditos Administradores a quantia das claresas abonadas, e não pagas, se ratearem a mencionada quantia por Credores que nada tem com este negocio, e que o finado por mim não despendeo, e só na parte do excedente, que tão somente lhe compete, e como por veses o annunciante á mesma Administração se dirigio expondo todo este negocio pedindo documentos para na execução da Letra juntar aos seus Embargos, tudo foi baldado, antes foraõ os agentes na Corte sobre as Appellações da causa que tudo obtiverão; e por tal faço este aviso, e breve se apresentará na Corte a provar o que avança

Rio Pardo 4 de Fevereiro de 1835.

— OPatacho Sardo, denominado Delfino Victorioso, se acha com a metade de seu carregamento para Monte Vidéo, e Buenos-Ayres; as pessoas que quizerem carregar, ou ir de passagem, queiraõ dirigir-se a seu proprietarie Gaspar Ravança, ou a seu Consignatario José Romão Maciel, e um dos interessados Miguel de Bastos; e Sirva.

— Quem quizer comprar um crioulo de vinte e quatro annos de idade, official de pedreiro, e carpinteiro; procure na rua da Praia no Armazem de Henrique José Corrêa da Silva Braga.

PORTO ALEGRE 1835: NA TYP. DE V. F. DE ANDRADE  
RUA DA PONTE.